

A RELAÇÃO SER HUMANO-NATUREZA EM UM NOVO ENCANTAMENTO DO MUNDO: UMA INVESTIGAÇÃO JUNTO A UM GRUPO WICCA DE JOÃO PESSOA

Emmanuel Ramalho de Sá Rocha¹

Resumo: O conceito de “desencantamento do mundo” de Max Weber implica dois significados, a desmagificação da religião no ocidente realizado pela tradição judaico-cristã e a perda de sentido do mundo referente ao esvaziamento de significado deste e da vida realizada pela ciência moderna. No entanto, alguns pesquisadores do tema afirmam ocorrer na contemporaneidade a reversão do processo de desencantamento, o reencantamento do mundo, porém, para outros pesquisadores, o desencantamento religioso do mundo, pelo menos no contexto brasileiro, nunca ocorreu, portanto, não faz sentido falar em reencantamento, e como o objeto de estudo desta pesquisa está inserido no contexto brasileiro e o foco é o encantamento religioso, esse ponto se faz relevante. Contudo, entende-se que a partir da segunda metade do século XX o encantamento religioso se intensifica e se transforma no Brasil, adquire novas características, ou seja, é um novo encantamento. Assim, tomando em consideração que o desencantamento levou a uma relação negativa entre ser humano e mundo natural devido à separação, desvalorização e consequente dominação e exploração, esta pesquisa se propôs a investigar como se caracteriza a relação ser humano-natureza no novo encantamento religioso do mundo. Para identificar que tipo de relação ocorre no novo encantamento foi investigado uma religião inserida nesse processo, a wicca. As crenças e práticas de um *coven* wicca de João Pessoa, o *Sons of the old Forest*, foram objeto de pesquisa. Como metodologia, o trabalho fez uso de pesquisa bibliográfica e da observação participante. O marco teórico conceitual utilizado para fundamentar a pesquisa é a sociologia da religião e a ecofilosofia.

Palavras-chave: Desencantamento do mundo; wicca; natureza.

INTRODUÇÃO

Segundo Antonio Flávio Pierucci (2003), o conceito de “desencantamento do mundo” de Max Weber implica dois significados: a desmagificação da religião no ocidente, um empreendimento realizado pela tradição judaico-cristã; e a perda de sentido do mundo referente ao esvaziamento de significado deste e da vida realizada pela ciência moderna. A eliminação da magia pela tradição judaico-cristã implica a desdivinização do mundo imanente – divindades e forças anímicas – pois é através da manipulação dessas divindades ou forças imanentes que se realiza a magia; e a eliminação do sentido do mundo pela ciência moderna implica a perda da noção de mundo orientado divinamente. Portanto, o desencantamento elimina gradualmente determinados elementos do sagrado neste mundo.

¹ Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

No âmbito da relação entre ser humano e natureza, essa dessacralização se apresenta como separação entre ambos e desvalorização do mundo natural pelos humanos. A separação e desvalorização podem ser compreendidas através de conceitos como a negação da imanência, o antropocentrismo, o dualismo metafísico e cartesiano, e o reducionismo mecanicista. No entanto, para alguns autores (PRANDI, 1992; GUERRIERO, 2006; NEGRÃO, 2008), o desencantamento religioso do mundo, pelo menos no contexto brasileiro, nunca ocorreu, mas ainda assim, a partir da segunda metade do século XX o encantamento religioso se intensifica e se transforma no Brasil, adquire novas características, ou seja, é um novo encantamento.

Assim, tomando em consideração que o desencantamento levou a uma relação negativa entre ser humano e mundo natural, esta pesquisa se propõe a investigar como se caracteriza a relação ser humano-natureza no novo encantamento religioso do mundo. Para identificar que tipo de relação ser humano-natureza ocorre no novo encantamento será investigada uma religião inserida nesse processo, a wicca, (GUERRIERO, 2006; RUICKBIE, 2006), um sistema mágico-religioso “inspirado pelas tradições dos povos pré-cristãos da Europa” (CLIFTON; HARVEY, 2004, p. 1, tradução nossa). Dessa forma, as crenças e práticas de um *coven* – fraternidade de bruxos contendo mais ou menos 13 membros – wicca de João Pessoa serão objeto de pesquisa, o *coven Sons of the old forest*. Como metodologia, o trabalho fez uso de pesquisa bibliográfica e da observação participante, também foi realizado um questionário ao fim da pesquisa. O marco teórico conceitual utilizado para fundamentar a pesquisa é a sociologia da religião e a ecofilosofia. A observação participante junto aos membros do *Sons of the old forest* ocorreu em encontros e celebração dos sabás.

A RELAÇÃO SER HUMANO-NATUREZA NO DESENCANTAMENTO DO MUNDO

Para criar o termo desencantamento do mundo, Weber se inspirou em outra expressão do poeta e filósofo Schiller, em que “Para condensar numa única expressão os impactos da modernidade sobre a mãe natureza, Schiller teria pensado num efeito de ‘desdivinação’, ou, dizendo-a aqui de outra forma também possível em português, um efeito de desendeusamento da natureza” (PIERUCCI, 2003, p. 30). O conceito de Weber mantém muito do significado existente na expressão de Schiller. Para Pierucci, ao eliminar a magia, a religião entrega um mundo natural ausente de seres ou forças divinas, dessacralizado, e a ciência dessacraliza ainda mais o mundo ao eliminar a metafísica religiosa, a substituindo pela explicação do mundo através do mecanismo causal. “Esse é o verdadeiro começo da ideia de desencantamento do mundo, a saber: este mundo não é sagrado” (PIERUCCI, 2001, p. 92).

Sagrado é aqui entendido primeiro como “encanto mágico”, ou seja, seres e forças sagradas do mundo imanente que são passíveis de manipulação mágica e que são eliminadas à medida que a religião monoteísta ocidental desaloja a magia das práticas religiosas e, assim, exclui do mundo imanente o sagrado, só estando presente no transcendente; segundo, é entendido como “sentido metafísico”, ou seja, uma ordenação significativa do mundo e da vida que se orienta, se justifica pelo o que é considerado sagrado e se perde à medida que a ciência, em sua leitura matemática da natureza, desaloja o sentido religioso do mundo, o reduzindo a mecanismo causal.

Essa dessacralização levada pelo desencantamento do mundo se manifesta na relação ser humano-natureza através da separação e desvalorização, que por sua vez possibilitam a dominação e exploração irrestrita no mundo natural. Na tradição judaico-cristã isso ocorre, particularmente, devido à negação da imanência, do antropocentrismo e do dualismo metafísico. A negação da imanência é a rejeição à existência de divindades ou forças anímicas que habitam ou são parte deste mundo, prevalecendo apenas a crença num deus distante e desconectado deste mundo; o dualismo metafísico separa tudo em binômios – sendo um deles cultura-natureza – e lhes impõe valores positivos e negativos, o que, em última instância, implica na rejeição deste mundo por associação ao mal, à tentação; o antropocentrismo põe o ser humano como exterior e superior à natureza.

Embora o desencantamento científico do mundo não seja foco da pesquisa, uma análise breve dessa é relevante, considerando-se que o novo encantamento do mundo também se constrói em crítica à racionalização instrumental e à leitura matemática do mundo e da vida, as quais eliminam o sentido religioso do mundo. A relação de separação e desvalorização pela ciência moderna, influenciada pela tradição judaico-cristã, também se expressa por meio do antropocentrismo – embora a razão da centralidade do homem neste mundo não seja mais divina – o qual pode ser percebido no discurso de Francis Bacon, “Se procurarmos as causas finais, o homem pode ser visto como o centro do mundo” (*apud* THOMAS, 1996, p. 23); e do dualismo, o qual, aqui, se insere no paradigma cartesiano, paradigma que também agrega o princípio mecanicista-reducionista, que afirma a concepção de todos-orgânicos como máquinas, os quais podem ser reduzidos às suas partes, estabelecendo, portanto, uma tendência à fragmentação e a visão de natureza meramente como recurso, lhe retirando qualquer valor intrínseco.

Antes de adentrar na análise do novo encantamento do mundo é necessário entender o desencantamento no contexto brasileiro, não só porque o objeto de pesquisa – o grupo wicca

Sons of the old forest – está inserido na realidade brasileira, mas também porque esta realidade apresenta características distintas do processo de desencantamento predominantemente europeu analisado por Weber. Para ele, somente o protestantismo ascético eliminou realmente a magia, “[...] o protestantismo ascético nas suas várias manifestações representa um grau extremo. As suas manifestações mais características eliminaram a magia do modo mais completo. [...] O pleno *desencantamento do mundo* foi levado, *apenas* aí, às suas últimas consequências” (WEBER, 2004, p. 334).

Portanto, tendo sido o Brasil sempre majoritariamente católico, com insignificante influência do protestantismo ascético na formação da sociedade brasileira, compreende-se, portanto, que a magia nunca foi aniquilada por essas terras. Dessa forma, segundo Silas Guerriero (2006, p. 51):

[...] queremos afirmar que não houve desencantamento do mundo e que, em consequência, também não houve o reencantamento da pós-modernidade. Não houve desencantamento, pois não chegou a termo a racionalização da própria religião. As vivências do catolicismo, apesar de toda racionalização empreendida pela instituição eclesial, são cada vez mais mágicas, conforme podemos perceber entre os adeptos do movimento de renovação carismática. A vertente protestante, que segundo Weber representava o expoente dessa secularização e racionalização, também tem seu legado mágico entre aquelas correntes que mais crescem em termos populacionais, as pentecostais. Por outro lado, a partir da ótica dos agentes, nem a magia desapareceu nem as entidades sobrenaturais deixaram de conviver com os personagens sociais. O crente também nunca se desencantou. Continua vivendo em um mundo encantado. Podemos dizer que o mundo não está encantado da mesma maneira que antes, mas que, de alguma maneira, o encantamento permanece.

244

Como afirma Guerriero, o encantamento brasileiro já não é mais o encantamento de antes, ele se transformou, adquiriu novas características e se intensificou da segunda metade do século XX em diante. É esse novo encantamento que será analisado a seguir.

A RELAÇÃO SER HUMANO-NATUREZA NO NOVO ENCANTAMENTO RELIGIOSO

O novo encantamento deve ser entendido à luz da modernidade, pois ele é um produto e crítica desta. Como crítica, os agentes encantadores questionam, por exemplo, a racionalidade instrumental científica e a desvalorização das esferas não racionais da vida, contudo, como produto da modernidade, esses mesmos agentes apresentam características típicas desta, por exemplo, “A racionalidade mítica e mágica rearranja-se com a científica” (GUERRIERO, 2002, p. 136).

Essa influência da modernidade no novo encantamento levou ao que Paula Montero (1994) denomina de “racionalização da magia”, a qual levou à sistematização da cosmologia e à organização burocrática e impessoal do culto mágico; a moralizou através da substituição de uma ética persecutória pela moralização da conduta, saindo do “é bem o que faz bem”, para “é bem o que é visto como norma geral”; além de levar à pluralidade das tradições e práticas mágico-religiosas e, assim, à mercantilização da mesma; urbanização dos praticantes de magia; individualização; e perda de agressividade.

Wouter Hanegraaff (2003) também tem a mesma posição de Montero quanto à transformação das práticas mágicas na modernidade, embora o que Montero chama de “racionalização da magia”, Hanegraaff denomina “magia desencantada”. Hanegraaff vê a racionalização da magia como uma forma de adaptação, e adaptação está diretamente relacionado a legitimação, ou seja, como os praticantes de magia fazem de sua prática algo socialmente aceitável aos olhos dos outros e para si mesmos. Segundo Hanegraaff, os magistas contemporâneos buscam legitimar a magia em consonância com as verdades da ciência. E uma das ciências mais usadas para este propósito é a psicologia, através do que ele denomina “psicologização” da magia.

245

Já como crítica, o novo encantamento se manifesta através de um segmento de movimentos socioculturais desde o fim do século XVIII, como o romantismo, orientalização do ocidente, contracultura, segunda modernidade e Novos Movimentos Religiosos (NMRs). Apesar de aqui tentar-se seguir uma ordem linear desses movimentos, compreende-se que eles se intercalarem e não há linearidade exata.

Dessa forma, no romantismo houve a revalorização das emoções, da subjetividade, da imaginação, da espiritualidade, o resgate de valores e comportamentos pré-modernos e também buscou uma relação ser humano-natureza distinta da relação fragmentada e distante proveniente do mecanicismo, propondo uma visão holística que vê a natureza como um todo vivo e autônomo (HANEGRRAFF, 1996). Dessa forma, o Romantismo resgatou ou idealizou uma ética de valorização do mundo natural ou de elementos associados ao mundo natural.

Já a orientalização do ocidente inseriu elementos não racionalizados na religião ocidental, e uma visão monista de divindade, a qual, em conjunto com a concepção de deus imanente, o paradigma oriental se contrapôs a dois pontos essenciais do desencantamento religioso do

mundo que levaram a uma relação de separação e desvalorização entre ser humano e natureza, a negação do imanente e o dualismo metafísico (CAMPBELL, 1997).

A orientalização do ocidente foi uma das influências na constituição da colcha de retalhos que é a contracultura. Dentre os movimentos sociais inseridos na contracultura, o mais relevante no âmbito da relação ser humano-natureza é o movimento ambientalista. O ambientalismo da contracultura abriu portas para uma relação mais próxima com o mundo natural, propondo preservação em vez de dominação e exploração ilimitada (ROSZAK, 1972). Para algumas correntes do ambientalismo, particularmente ecofilosofias, a ecologia deveria se desfazer das perspectivas antropocêntricas e propor o ecocentrismo, afirmando que o ser humano faz parte do mundo natural e que cada ser vivo tem seu valor intrínseco independente de seu uso para os humanos (NAESS, 1998).

Em conjunto com a expansão do movimento ambientalista, a substituição da religião dominante cristã pela oriental e indígena na contracultura contribuiu para o surgimento de um conjunto de novas religiões e espiritualidades, os Novos Movimentos Religiosos (NMRs), em que para muitas delas a visão de dominação do mundo natural é, por sua vez, substituída pela visão e desejo de harmonia e pertencimento com a natureza, que passa a ser vista como sagrada (GUERRIERO, 2006). Para muitos desses novos grupos religiosos ou indivíduos com suas próprias crenças, o mundo é identificado com o divino e ou se expressa nele, resgatando, assim a imanência do sagrado.

Mais sobre os NMRs será analisado a seguir, contudo antes se faz útil compreender outro movimento que contribui na formação do novo encantamento do mundo e dos próprios NMRs, a segunda modernidade, um *zeitgeist* cercado de dúvidas e incertezas, a começar pela própria denominação: pós-modernidade, modernidade tardia, ultramodernidade, modernidade líquida, etc. Não é o foco dessa pesquisa aprofundar-se nesse debate, é suficiente apenas reconhecer a mudança cultural – seja ela uma ruptura com a modernidade ou não – que ocorre na segunda metade do século XX em diante no ocidente. Para facilitar a discussão do tema, será usado o termo “primeira modernidade” para o que é considerando comumente apenas como modernidade, e “segunda modernidade” para a pós-modernidade, modernidade tardia, líquida, etc. (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2002).

A segunda modernidade é o ponto de culminação da crise da modernidade. E quando se trata do campo religioso, na segunda modernidade “[...] a religião não só deixou de desaparecer” como

“Vemos à nossa volta a criação de novas formas de sensibilidade religiosa e empreendimentos espirituais” (GIDDENS, 2002, p. 191). Segundo Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2002), a segunda modernidade se caracteriza pela fluidez, não estrutura, incertezas, foco nas experiências, além da não linearidade do sistema e da identidade dos indivíduos. Para Pierucci (2001), esse ambiente de riscos e incertezas da segunda modernidade incentiva o desenvolvimento da magia. No âmbito religioso, as incertezas, individualidades fluidas e contradições da segunda modernidade criam resistências a ela, isso se vê na proliferação de fundamentalismos religiosos (BAUMAN, 1998). Porém, se para alguns há resistência, para outros há afinidade, criando religiosidades com um caráter difuso e desinstitucionalizado, fugindo das tradições religiosas dominantes, e o controle sobre os membros é mínimo, pois a individualidade é valorizada e há liberdade de trânsito religioso (GIDDENS, 2002).

Esse conjunto de novas religiões e espiritualidades que se popularizam na segunda modernidade, em seu formato fundamentalista ou não, são os NMRs. Segundo Guerriero (2006, p. 51) “Os NMRs são diferentes possibilidades de vivência desse mundo encantado, carregado de forças invisíveis e de manipulações mágicas”. Apesar da marcante pluralidade e da conseqüente diferenciação entre as religiões e espiritualidades desse movimento, é possível definir determinadas características que ocorrem com maior frequência entre si, sendo a principal delas o desejo de mudança devido ao descontentamento com o campo religioso dominante; a tendência ao universalismo; intensa transitoriedade para alguns grupos; perfil sociológico de classe média e boa escolaridade.

247

A RELAÇÃO SER HUMANO-NATUREZA NA WICCA GARDNERIANA

Dentre as religiões dos NMRs está a wicca, uma vertente do neopaganismo, um sistema mágico-religioso “[...] inspirado pelas tradições dos povos pré-cristãos da Europa” (CLIFTON; HARVEY, 2004, p. 1, tradução nossa) e “[...] uma continuação da magia ritualística ocultista do século XIX” (HANEGRRAFF, 1996, p. 85, tradução nossa). A wicca gardneriana foi fundada em 1939 por um funcionário público britânico, Gerald Gardner.

O *coven Sons of the old forest*, o qual também se constitui uma instituição local aberta ao público através da “Hex - Associação de Covens, Bruxos e Neófitos do Brasil” (HEX-ACBNB), com o intuito de servir de intermediário entre o *coven* e o público geral através de palestras ou encontros, foi criado em 2012 e segue a wicca de tradição gardneriana, ou seja, que mantém uma linha iniciática que vai até Gardner e segue as crenças e práticas instituídas por ele. Segundo o Alto

Sacerdote do grupo, Saulo Gimenez, não há um número fixo de participantes, pois alguns são solitários, porém em torno de 10 membros participam com regularidade das atividades do *coven*. Segundo o questionário entregue aos membros ao fim da pesquisa, 60% dos membros são do sexo feminino, 60% têm entre 18 e 30 anos de idade, os restantes têm mais de 30 anos, e 100% dos que responderam estão no ensino superior. Portanto, o perfil social do *coven Sons of the Old Forest* é de jovens, mulheres, com alto nível de escolaridade e por meio da observação participante constatou-se que a maioria são brancos e de classe média.

O questionário também evidencia que para 80% dos membros do *coven* os valores e práticas voltadas para a natureza na wicca foram um dos motivos para sua adesão. E quando perguntados se aderir à wicca mudou em algo sua relação com a natureza, 80% afirmaram que mudou bastante e 20% disseram que adequou.

A relação ser humano-natureza é um dos elementos fundamentais na compreensão da wicca, como é perceptível na definição da religião por Janet e Stewart Farrar (2003, p. 12, tradução nossa).

A Wicca é ao mesmo tempo uma religião e uma Arte. [...] Como uma religião – tal como em qualquer outra religião, seu propósito é colocar o indivíduo e o grupo em harmonia com o princípio criativo Divino do Cosmos, e suas manifestações, em todos os níveis. Como uma Arte, seu propósito é atingir fins práticos por meios psíquicos, para propósitos bons, úteis e de cura. Em ambos os aspectos, as características distintas da Wicca são a sua atitude orientada na Natureza, sua autonomia em pequenos grupos sem qualquer vazão entre os sacerdotes e a “congregação”, e sua filosofia de polaridade criativa em todos os níveis, desde Deusa e Deus até Sacerdotisa e Sacerdote.

Como citado acima, a wicca tem sua atitude orientada pela natureza, pois seus ritos religiosos, práticas mágicas, os sabás e esbás, se orientam pelas estações e condições astronômicas como os movimentos da lua e do sol, assim como seus mitos, crenças e o sentido que dão ao mundo e à vida estão sempre de acordo com uma concepção de unidade com o mundo natural. Seus deuses também expressam essa relação de unidade com o mundo natural, pois são imanentes, são e se manifestam na natureza. A wicca gardneriana é uma religião duoteística, cultua-se duas divindades, uma masculina e outra feminina. A deusa é associada à lua, o deus, um deus de chifres, é uma divindade do mundo natural e às vezes do submundo, e é associado à fertilidade. Outros seres espirituais na wicca relevantes no entendimento da relação ser humano-natureza são os elementais, entidades da natureza identificadas com quatro os elementos, fogo, água, terra e ar, e que, geralmente, são conhecidos por muitos nomes, como gnomos, fadas, ondinas, etc

(FARRAR; FARRAR, 1999). Segundo os membros do *coven* de João Pessoa, cultivar divindades que se expressam e se manifestam no mundo natural os faz respeitar e cuidar mais da natureza.

Contudo, um dos elementos wiccanos mais evidentes do tipo de relação de pertencimento com a natureza são os sabás, rituais e festas religiosas herdadas dos antigos povos que foram influência à *wicca*. Os sabás são celebrações sazonais que reconhecem os ciclos e a unidade dos wiccanos com o mundo natural.

O calendário das bruxas modernas (independentemente de sua ‘escola’) está enraizado, como o de suas predecessoras ao longo de séculos sem conta, nos *sabás*, festivais por estação que marcam pontos-chaves no ano natural, pois a *Wicca*, como enfatizamos, é uma religião e arte orientada à natureza. E uma vez que, para as bruxas, a natureza é uma realidade de níveis múltiplos, seu ‘ano natural’ inclui muitos aspectos – agrícola, pastoral, vida selvagem, botânica, solar, lunar, planetária, psicológica – sendo que as marés e ciclos destes todos afetam ou refletem entre si. Os sabás são os caminhos das bruxas para celebrar, e colocá-las em harmonia com essas marés e ciclos. Pois **homens e mulheres também são parte da natureza** de múltiplos níveis, e as bruxas se esforçam, consciente e constantemente, para expressar aquela unidade. (FARRAR; FARRAR, 2003, p. 13, tradução nossa, grifo nosso).

São 8 sabás: *Sambain*, *Yule*, *Imbolc*, *Ostara*, *Beltaine*, *Litha*, *Lughnasadh* e *Mabon*. Quatro são considerados maiores (*Sambain*; *Imbolc*, *Beltaine*, *Lughnasadh*) e os outros quatro menores. A roda do ano é montada, originalmente, seguindo um calendário das estações de acordo com o hemisfério norte, contudo, há *covens* que readaptam a roda do ano para que esteja de acordo com o ciclo do hemisfério sul, este é o caso do *coven Sons of the Old forest*. O *coven* celebra os sabás em uma área rural de João Pessoa, mais especificamente em uma área de preservação ambiental da União. Os rituais ocorrem em um pequeno riacho que cruza uma estrada de terra, sendo o altar colocado no meio do riacho sobre uma mesa – a água atingindo a altura do joelho – e os participantes do ritual se posicionam em volta do altar, em círculo. Em uma parte da ponte que cruza o riacho se estende um grande pano onde ficam as comidas trazidas por todos para comer durante o dia.

Ao fim do dia os membros costumam se reunir e discutir o significado do sabá celebrado e a influência que este está tendo ou deveria ter em suas vidas. Todos os discursos evidenciam o pertencimento e sintonia com o mundo natural. Foi possível perceber com clareza esse esforço em busca da unidade, cada membro encontrava sentido nos ciclos naturais das estações e suas próprias vidas, mais do que isso, para eles os ciclos físicos e energéticos da natureza têm influência direta nas emoções e ações dos indivíduos, estando tudo interconectado, uma realidade unitária, evidenciando, assim, uma perspectiva monista e holística do mundo. Percebe-se também

a perspectiva ecocêntrica, como já mencionado pelo casal Farrar, “homens e mulheres são parte da natureza”.

É uma religião que realmente se orienta pela natureza, mais do que isso, se orgulha da relação que tem com ela e a usa como forma de aceitação social, algo evidente, quando, por exemplo, Gimenez afirma que explica sua religião àqueles que não a conhecem como “uma religião da natureza”.

Um elemento que necessita ser entendido com cautela na wicca gardneriana desse *coven* é a influência da ética ambiental na relação ser humano-natureza. O próprio Alto Sacerdote Saulo Gimenez afirma que não há tal influência na wicca tradicional, dizendo que a relação com o mundo natural se dá unicamente como adoração aos deuses, não há uma adoração à natureza em si. Além disso, percebeu-se que o tipo uma relação que eles buscam emular é a dos povos que alegam ser ancestrais da religião, os povos nativos da Europa pré-cristã, povos caçadores que reconheciam o sagrado na natureza, mas que a relação se definia pela necessidade e uso, não por um ideal preservacionista típico da ética ambiental contemporânea.

250

Percebe-se esse aspecto na sede do *coven*, por exemplo – que é também a casa do Alto Sacerdote – onde inúmeras cabeças de animais empalhadas decoram o ambiente, entre eles um javali, um cervo, um crânio de boi, um par de chifres de cervo e de bode, um impala, entre outros. Enquanto que uma ética ambiental poderia condenar tal atitude, na visão de uma religião que orienta-se pelos antigos costumes de povos caçadores não se vê problema, até porque o deus de chifres é também um deus submundo, dos mortos, assim, mesmo na representação da morte de animais é reconhecido o sagrado para estes wiccanos. Importante salientar também que os membros do *Sons of the old forest* não se sentem superiores – nem inferiores – a outros seres vivos não-humanos. No questionário, 80% afirmaram se sentir semelhantes e 20%, através declararam “Consciente de nossas diferenças, mas semelhante em relação ao trato”.

Ainda assim, mesmo que a ética ambiental não esteja presente na “doutrina” da wicca gardneriana, os wiccanos contemporâneos, individualmente, já aderem a uma ética ambiental devido às identidades plurais e fluídas da segunda modernidade que lhes possibilitam integrar diferentes perspectivas sobre a relação ser humano-natureza à sua perspectiva religiosa. Essa adesão a uma ética ambiental se verifica, por exemplo, no projeto de limpeza do riacho onde o

coven celebra os sabás, em que em dois sabás por ano os membros do *coven* e convidados percorrem o curso do riacho recolhendo todo o lixo presente. Ou pelo resultado do questionário que mostra que a maioria dos membros do *Sons of the old forest* já participou de algum projeto ou organização ambientalista.

Outra particularidade desse *coven* que interessa à relação ser humano-natureza é a confluência e afinidade com tradições religiosas afro-brasileiras. Um exemplo é a questão do sacrifício de animais. Uma primeira citação que evidencia a posição da wicca sobre o tema é de Doreen Valiente, primeira sacerdotisa de Gardner, a qual escreveu no Livro das Sombras, livro escrito por ela e Gardner contendo orientações de crenças e práticas wicannas, a Exortação da Deusa, e nesse texto há o seguinte trecho: “[...] não exijo sacrifício, pode vede: eu sou a Mãe de tudo que vive e meu amor é vertido sobre a Terra” (FARRAR; FARRAR, 1999, p. 41). Uma segunda citação relevante é do próprio Gardner, em que sobre as bruxas do *coven* no qual foi iniciado, ele (2003, p. 100) afirma: “As pessoas que conheço têm a ordem de nunca usar sangue ou fazer sacrifícios”.

Porém, a resposta dos participantes do *coven Sons of the Old Forest* à pergunta do questionário, “Qual sua posição sobre o sacrifício religioso de animais?” foi que nenhum se posicionou contra, 40% são a favor, 40% são indiferentes ao tema, e 20% sem opinião formada. É possível que essas posições dos membros se expliquem pela individualidade plural típica da segunda modernidade, assim como ocorre com a identidade ambientalista e religiosa que se misturam, como visto anteriormente, é possível que a simpatia ou frequência dos membros do *coven* em terreiros de religiões afro-brasileiras influenciem nessa posição sobre sacrifícios de animais. Durante a observação participante ficou claro que muitos membros vão a terreiros, outros já pertenciam a alguma tradição afro-brasileira antes de aderir à wicca e, aparentemente, todos têm simpatia pelas crenças e práticas dessas tradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com o conceito de desencantamento do mundo se mostrou uma tarefa mais difícil do que inicialmente pensada. O termo é polissêmico, muda dependendo do foco e aliado ao lirismo, ao significado metafóricamente carregado, o conceito de desencantamento do mundo não é de tão fácil apreensão (PIERUCCI, 2003). Partindo disso, o debate acerca do novo encantamento, desdobramento contemporâneo do desencantamento, se apresenta ainda mais cheio de dúvidas e, dessa forma, ainda mais problemático, pois buscar desenvolver um conceito partindo de outro

em que nem sempre se tem total certeza da compreensão adequada de seus elementos constituintes se mostra, muitas vezes, frustrante. De qualquer maneira, o tema, o novo encantamento, apesar das incertezas e frustrações teóricas, é fascinante e rico em se pesquisar devido ao seu caráter novo, vibrante e contestador. Sua dinamicidade e capacidade transformadora cria um campo fértil para as análises de um sociólogo da religião.

Quanto à relação ser humano natureza, verificou-se a união e valorização do mundo natural no novo encantamento ocorre através do monismo, se opondo ao dualismo e afirmando a unidade entre todas as coisas; do holismo, o qual se opõe, em particular, ao reducionismo cartesiano, dando ênfase não só às partes, mas ao todo e às relações de interdependência que formam; do ecocentrismo, que contrário ao antropocentrismo afirma que o ser humano faz parte desse mundo e cada ser vivo tem seu valor intrínseco; e da ênfase na imanência.

E na wicca gardneriana e, especificamente, no *coven Sons of the old forest*, se confirmou a investigação prévia da relação no encantamento do mundo: busca-se união com o mundo natural e valoriza-se o mesmo. Algumas particularidades foram percebidas na relação do *Sons of the old forest* com o mundo natural, e talvez a mais interessante delas seja a influência das tradições afro-brasileiras, talvez indicando uma especificidade da wicca nacional que só poderia se confirmar com mais pesquisas em outros territórios brasileiros.

Por fim, uma característica fundamental do novo encantamento e de seus propósitos, e nisso se inclui a mudança na relação ser humano-natureza, é que ele ainda não é uma realidade plena ou abrangente, não é uma obra acabada, ou seja, é algo em construção. A rejeição ao desencantamento e a crise da modernidade que levaram a esse reavivar da magia, das emoções, do subjetivo ainda enfrenta muitos obstáculos e muitos dos objetivos dos movimentos de resistência que formaram o novo encantamento, como o romantismo e a contracultura, ainda são sonhos se realizando, e nisso se inclui a relação ser humano-natureza (MOSCOVICI, 2007). Assim, mesmo como estado de esperança rumo a mudanças na forma de ver e se relacionar com este planeta, o novo encantamento do mundo tem, gradualmente, deixado marcas no ocidente desde o romantismo, influenciando religiões antigas e criando novas, como a wicca, a qual tem sido um meio para todos aqueles que fazem parte do *coven Sons of the old forest* de encantarem e se sentirem encantados com o mundo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. Individualization. Sage Publications, Londres, 2002.
- CAMPBELL, Colin. A orientalização do ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n.º 1, 1997.
- CLIFTON, Chas; HARVEY, Graham (org). *The Paganism Reader: An introduction*. Nova York: Routledge, 2004.
- FARRAR, Janet; FARRAR, Stewart. Oito sabás para Bruxas: e ritos para o Nascimento, Casamento e Morte. São Paulo: Anúbis, 1999.
- _____. *La bíblia de las brujas: Manual completo para la práctica de La brujería*. Madrid: Equipo Difusor del Libro, Vol. 1, 2003.
- GARDNER, Gerald. *A Bruxaria Hoje*. São Paulo: Madras, 2003.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GUERRIERO, Silas. A Diversidade Religiosa no Brasil: A Nebulosa do Esoterismo e da Nova Era. *Revista Correlatio*, n.3, 2002, p. 128-140.
- _____. *Novos Movimentos Religiosos: O quadro brasileiro*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- HANEGRAAFF, Wouter J. *New Age religion and Western culture: Esotericism in the mirror of secular thought*. Nova Iorque: Brill, 1996.
- _____. How magic survived the disenchantment of the world. *Religion*, v. 33, 2003, p. 57-380.
- MONTERO, Paula. Magia, racionalidade e sujeitos políticos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 26, p. 72-90, 1994.
- MOSCOVICI, Serge. *Natureza: Para pensar a ecologia*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- NAESS, Arne. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge Press, 1998.
- NEGRÃO, Lísias. Trajetórias do Sagrado. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*, v. 20, p. 115-132, 2008.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *A Magia*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- _____. *O desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- PRANDI, Reginaldo. Perto da magia, longe da política: Derivações do encantamento do mundo desencantado. *Novos Estudos Cebrap*. n. 34, 1992.

ROSZAK, Theodore. A contracultura. São Paulo: Vozes, 1972.

RUICKBIE, Leo. Weber and the witches: Sociological theory and modern Witchcraft. *Journal of Alternative Spiritualities and New Age Studies*, vol. 2, 2006, p. 116-130.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

WEBER, Max. Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. 4ª ed. São Paulo: IMESP, Vol. 1, 2004.